



FRANKFURT, Harry G. **Sobre falar merda.** Rio de Janeiro: Editora Intrínseca Ltda., 2005. 68p.

Por *Fernando Fernandes de Oliveira*
do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia
Goiano – Ipameri - Brasil
fernando.oliveira@ifgoiano.edu.br

Em sua publicação anual, o afamado *Oxford English Dictionary* (OED) escolheu a expressão “pós-verdade” como a palavra do ano de 2016. O termo alude à premissa na qual a objetividade dos fatos é superlativamente menos relevante do que o conjunto dos valores pessoais, das emoções e das crenças pessoais que os sujeitos alimentam, no que concerne à compreensão da realidade. Em tempos de pós-verdade, a realidade acaba como que esvaziada de significado, o bom senso perde valor e o fosso que separa a percepção das pessoas daquilo que é concreto e factual tende a aprofundar-se.

Mais de uma década separa a escolha de Oxford, influenciada por eventos como o “Brexit” e a eleição de Donald Trump à Casa Branca, da contribuição do filósofo moral e professor da Universidade de Princeton, Harry Gordon Frankfurt. Este autor nos presenteou, em 2005, com um pequeno e bem-humorado tratado acerca do crescente e perigoso movimento de ressignificação da verdade: *Sobre falar merda* (do inglês, *On Bullshit*) é um raro exemplo de publicação com pegada acadêmica a conquistar o status de “*best-seller*” do mercado editorial estadunidense.

Tal como adverte o autor, bostejar com palavras é algo extremamente corriqueiro, de forma que a contribuição de cada um de nós ao fenômeno é assaz significativa. Isso endossa, segundo Frankfurt, a falta de investigações mais sistemáticas sobre o tema. Daí, a proposta inicial do livreto: contribuir, a partir de uma abordagem experimental e exploratória, para uma compreensão teórica sobre o que é – e o que não é – falar merda.

Ante a dificuldade de identificar bibliografias que tratem a questão, o autor recorre, além do já mencionado OED, ao ensaio do filósofo Max Black, intitulado “A predominância da impostura”, operando algumas distinções conceituais. Na análise de Black, os termos “impostura” e “falar merda” parecem possuir valor semântico muito próximo, leitura rechaçada por Frankfurt. A impostura remete ao desígnio de enganar deliberadamente, de forma que seu embuste não é algo inadvertido. Trata-se, para Black, de estratagema semelhante à própria mentira, à medida que ocorre um contínuo entre mentira e impostura, está precedendo àquela.

A mentira é sumariamente executada para falsear a realidade dos fatos, o que nos remete à ideia de que o mentiroso, necessariamente, tem plena ciência daquilo que é factual. O tênue limiar entre o falso e o verdadeiro expõe a inflexibilidade da mentira, que, a qualquer momento, pode ser constrangida pela natureza esclarecedora da verdade. Por sua vez, o preceptor que se mune do embuste da impostura intenta não produzir afirmações explícitas acerca de suas próprias crenças. Antes, e mesmo que não esteja precipuamente mentindo, objetiva criar uma certa impressão sobre si, na medida em que sua preocupação primordial é a de transmitir determinada imagem aos seus interlocutores.

Pontuadas essas distinções, Frankfurt passa a discutir as características fundamentais do ato de falar merda, a partir de recortes biográficos do filósofo austríaco Ludwig Wittgstein (1889-1951). O conceito começa a ser delineado com base num hilário diálogo estabelecido entre Wittgstein e a também filósofa Fania Pascal. Essa, após uma cirurgia de retirada de amígdalas, menciona que se sente tão mal quanto um cão atropelado; o que fora, de chofre, questionado por Wittgstein. Ora, se Pascal não é um cão atropelado, como seria possível para ela, não obstante a singela hipérbole, tecer tão desatenta afirmação? De fato, Pascal não mentiu deliberadamente em sua tentativa de tornar inteligível a sensação ruim que vivenciara. Ao contrário, mentira seria dizer que se sentia muitíssimo bem.

Todavia, o que mereceu a mal humorada contestação de Wittgstein foi o desprezo de Pascal para com a realidade. Ele entende, ao avaliar o sentido literal da representação, que ela nunca poderia ter ciência do que realmente sente um cão atropelado. Ainda que Pascal não tenha dito um disparate ininteligível, a censura parte da premissa de que sua fala é imprecisa, não experimentável e demasiado indiferente com a veracidade ou falsidade da informação. Para Wittgstein, o discurso de Pascal é displicente e esvaziado do devido cuidado sobre como as coisas realmente são. Embora

não se trate de mentira pura e simples, reitera Frankfurt, o despreço com a verdade, o completo descompromisso com a natureza dos fatos, são a essência da falação de merda.

Diferente daquilo que é fruto da conduta acomodada, desatenta e da mera indisciplina, a falação de merda requer certo esforço e objetividade interiores, a despeito da deselegância do termo. Esse relaxamento programado, como questiona o autor, é objeto de inadequada aceitação social, à medida que não se condena o falador de merda com a mesma severidade com que o mentiroso contumaz é desmoralizado. Disso, assevera o autor, derivam dois elementos importantes: o perigo representado pela falação de merda e a razão pela qual é preferível falar merda do que simplesmente mentir. Enquanto a mentira é pontual, específica e facilmente constrangida pela verdade, o enfoque da falação de merda é panorâmico, não particular e mais suscetível aos rodeios criativos da improvisação. Ao contrário do mentiroso, o falador de merda não possui qualquer consideração com a autoridade da verdade. Para esse, pouco importa se suas afirmações são ou não factuais.

Mas, em que meios esse fenômeno se manifesta com mais evidência? Segundo Frankfurt, as áreas da propaganda, das relações públicas e, evidentemente, da política, concentram os mais irrefreáveis expoentes da falação de merda. As mídias sociais, em franco processo de popularização, parecem ser a plataforma mais efetiva aos bostejantes, sejam eles integrantes de um exército de anônimos ou mesmo ocupantes dos mais altos cargos políticos de uma nação. Deve haver, inclusive, uma associação estratégica entre as áreas elencadas pelo autor e as imensas possibilidades que as redes sociais entregam aos tomadores de decisão: alimentadas incessantemente por seus usuários, essas mídias acabam por constituir amplos estoques de tendências, preferências e opiniões gerais postas à disposição das mais sofisticadas táticas em propaganda e publicidade.

Entretanto, afinal de contas, por que se fala tanta merda? Frankfurt destaca que os diversos meios de comunicação à nossa disposição entregam oportunidades e geram circunstâncias que exigem das pessoas posicionamentos que, não raro, excedem os seus conhecimentos prévios. Essa é, para o autor, uma das demandas inerentes à democracia. Lembremo-nos, uma vez mais, do papel das mídias sociais e das facilidades entregues à livre difusão de todo o tipo de obscenidade intelectual. Resta-nos, como um exercício de aproximação, tecer alguns comentários que apliquem, à nossa realidade, o conceito de falar merda. Nada melhor, como destaca o próprio autor, do que colher, na infundável seara de bravatas do meio político, alguns exemplos.

Quando um chefe de Executivo, em sua redundante aversão aos fatos, ao bom senso e à realidade dos seus governados, assevera que em seu país não há gente em

situação de fome porque não se vê esqueléticos perambulando pelas ruas, fornece-nos um típico exemplo de falação de merda. Não se trata, à luz da contribuição de Frankfurt, de uma simples mentira, mas, tão somente, de constrangedora desconsideração dos fatos e da verdade. O incômodo que essa afirmação gera ao bom senso deriva não somente do sumário descompromisso com o real, mas da própria falta de preocupação do preceptor com a veracidade ou a falsidade da informação dada. Isso, segundo o autor, é falar merda.

O mesmo estadista, ao contrário, valeu-se de mentira quando da negativa de divulgação, por ele próprio, de um vídeo em que conclamou atos populares contra os demais poderes da República. Foi, nesse episódio, facilmente constrangido por uma jornalista, assim municada da aberta veracidade dos fatos. Nisso, reside o perigo da falação de merda, e porque ela é preferível, a quem deturpa adrede a verdade, à mentira: ao observador desatento e não familiarizado com a realidade do país em questão, pode parecer palatável considerar como verdadeira a afirmação de que ali, de fato, não existem pessoas passando fome pela não verificação de esqueléticos. Além do mais, o que dizer quando a citada autoridade atribui, à ameaçadora pandemia do Covid-19, epítetos como “gripezinha” e “resfriadinho” ...

O livreto de Harry Frankfurt lança luz sobre um importante, porém negligenciado, aspecto da contemporaneidade. Em que pesem a tratativa leve a narrativa bem-humorada, o avanço do fenômeno parece manter relação direta com a emergência de ceticismos e revisionismos dantescos, que ganham colossal projeção com a instantaneidade das redes informacionais de comunicação. Trata-se, portanto, de leitura indispensável à compreensão desses tempos rápidos e obtusos.

Referências

FRANKFURT, Harry G. **Sobre falar merda**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca Ltda., 2005. 68p.

Sobre o autor

Fernando Fernandes de Oliveira - Possui graduação em Geografia (licenciatura e bacharelado) pela Universidade Federal de Uberlândia (2010), Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (2013) e Doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (2019). Atualmente é professor do Instituto Federal Goiano - Campus Avançado Ipameri.

Recebido para publicação em março de 2020

Aceito para publicação em março de 2020